

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O ESTADO DE S. PAULO Class.: 843

Data 20/04/85 Pg.: _____

Índios tiram Carneiro da Funai



Foto Sérgio Borges - Telefoto Estado
Aparecido na posse de Terena

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

O Dia do Índio, ontem, foi tenso em Brasília: 80 índios de várias tribos, armados de bordunas, ocuparam a sede da Funai para impedir a posse do novo presidente interino do órgão, Aírton Carneiro de Almeida, nomeado por José Sarney para substituir Néelson Marabuto.

Assessores do ministro do Interior, Costa Couto, tentaram negociar com os índios, mas não houve acordo e, à tarde, surgiu como única solução a nomeação do superintendente da Funai para assumir interinamente a presidência da fundação até que se chegue a um consenso sobre um nome para dirigir o órgão.

Gérson Alves já contava com o apoio do deputado Mário Juruna, que chegou a levar seu nome ao presidente Tancredo Neves. Na ocasião, Tancredo não deu garantias a Juruna, e este advertiu que qualquer outra pessoa que viesse a ser indicado para a Funai não ficaria no cargo "nem dois minutos".

E, ontem, durante a ocupação do prédio da Funai, os índios deixaram isso bem claro: eles não aceitaram, nem mesmo um pedido do secretário-geral do Ministério do Interior, Maurício Vasconcelos, que chegou a telefonar para o índio Megaron, diretor do Parque do Xingu, solicitando a sua intervenção em favor da aceitação do nome de Aírton Carneiro de Almeida.

O novo presidente da Funai já prometeu "trabalhar junto com os índios", garantindo que sua amizade com Mário Juruna não vai interferir na independência que pretende ter como presidente do órgão.

Exigência dos caiapós

Os índios caiapós advertiram que só permitirão o retorno dos garimpeiros a "Maria Bonita", no Sul do Pará, depois que suas terras forem demarcadas. O cacique Palacá lembrou que há 40 anos os índios tentam conseguir a demarcação de suas terras. Os caiapós ocuparam a área no dia 1º, proibindo o garimpo. Os garimpeiros aguardam agora uma solução de Brasília.

Fundação, o problema do ministro

AGÊNCIA ESTADO

Desde que assumiu o Ministério do Interior, Ronaldo Costa Couto vinha adiando enfrentar um dos problemas mais delicados de sua pasta: a Funai. Lá, as diferentes facções existentes dentro do indigenismo lutam pelo poder há meses, usando de todos os meios lícitos e outros pouco éticos e sem que nenhum nome obtenha respaldo mais amplo. O próprio ministro Costa Couto admitiu há poucos dias que já passaram pela sua mesa mais de 20 nomes para a presidência da Funai.

Na verdade, o ministro contava com o apoio do presidente Tancredo Neves para resolver o problema na Funai e, com sua doença, vinha adiando a decisão de enfrentar a questão.

Desde o início do ano, já vinham sendo discutidos, nos bastidores, alguns nomes para a presidência da Funai. O PMDB e grupos de indigenistas defendiam a indicação do deputado Modesto da Silveira, mas Mário Juruna lançou uma campanha agressiva de apoio ao seu candidato, Gérson Alves, e, com isso, conseguiu colocar em Brasília centenas de índios xavantes que ameaçavam impedir a posse de qualquer outra pessoa na direção do órgão.

Néelson Marabuto, exonerado da presidência da Funai anteontem, optara por uma linha mais sutil: em meio à briga sucessória, ele preferiu manter-se calado, esperando que numa hora de impasse seu nome pudes-

se ser lembrado como alternativa para resolver a situação. Afirma-se que, ao colocar seu cargo à disposição, ele esperava prestígio e apoio para continuar no cargo.

Marabuto não contava com a decisão de Sarney de exonerá-lo nem o ministro Costa Couto esperava que os índios fossem reagir à nomeação de Aírton Carneiro de Almeida, ocupando a sede da Funai. A conclusão a que se chega é que toda essa situação é consequência de uma política indigenista errada, desmoralizada, na qual os índios não mais confiam. E a solução para o problema parece difícil, uma vez que nenhuma pessoa séria e bem intencionada assumiria a Funai, sob o risco de ser recebido com bordunadas na entrada do órgão.

"DÍVIDA HISTÓRICA"

O presidente em exercício, José Sarney, disse ontem, em declarações transmitidas no programa "A Voz do Brasil", que "a sociedade brasileira precisa urgentemente resgatar a dívida histórica que contraiu junto ao índio, não apenas mediante a assistência às suas diversas necessidades materiais e espirituais, como saúde, educação e preservação de sua cultura, mas também na solução do problema crucial de demarcação de suas terras, fundamental na sobrevivência indígena, muitas vezes afetado com o avanço das frentes pioneiras no interior".

Sarney também defendeu o permanente diálogo entre o governo e as

comunidades indígenas, com a participação de seus representantes nas tomadas de decisões sobre questões que lhes dizem respeito. E esse objetivo, segundo explicou, é mais do que um programa do novo governo: "É uma atitude imprescindível com a qual devem contribuir todos os brasileiros".

O apoio de Montoro

O Dia do Índio foi comemorado ontem no Palácio dos Bandeirantes com uma solenidade de assinatura de três despachos do governador Franco Montoro, que garantem a demarcação e a proteção de terras e aldeias indígenas de Itariri, no litoral paulista, e de Barragem e Crucutu, próximas à represa Billings. Essa demarcação, na verdade, já vinha sendo feita por meio de um convênio entre a Funai e a Sudelpa, garantindo as terras aos índios e impedindo qualquer tentativa de grilagem ou de requisição de posse.

Raoni pede respeito

"Vocês têm que respeitar meu povo e meu povo deve respeitar vocês. Estou explicando para você não esquecer e não mata mais meu povo." Foi com essa declaração que o cacique Raoni, líder dos trucarramae, abriu ontem, no Ministério da Cultura, a solenidade de posse do índio Marcus Terena no cargo de assessor para Assuntos de Cultura Indígena.